

## 2012: A versão hollywoodiana de um mito do futebol gaúcho

O tenente Marion Cobretti era o líder do Esquadrão Zumbi, formado por policiais especializados em serviços que ninguém mais queria fazer. Cobretti, ou Cobra, usava sempre luvas de couro pretas, óculos escuros espelhados e palito de fósforo no canto da boca. “Stallone: Cobra” marcou minha geração nos anos 1980 e hoje é um filme de culto. Não pela história. Pelo personagem.

Cobra teve que encarar uns malucos que queriam fundar um tal de “Mundo Novo”. O fato era tão importante para a história que não mereceu explicação alguma. O que importa é que algumas cenas se tornaram clássicas. O filme começa com um sujeito segurando uma bomba e uma espingarda e mantendo reféns em um supermercado. A polícia cerca o local. Quando as negociações falham, Cobra é chamado. O diálogo com o bandido é um momento antológico (e precisa ser visto na versão dublada):

– Cretino... Você adora dar tiro. Eu odeio gente assim. Você é um imaturo, você é um... cocô! E eu vou matar você.

Em casa, Marion Cobretti recobrava as forças limpando sua pistola enquanto comia pizza cortando as fatias com uma tesoura. Perto dele, o detetive Harry “Dirty” Callahan, de Clint Eastwood em “Perseguidor Implacável” e o arquiteto Paul Kersey, de Charles Bronson em “Desejo de Matar” não passavam de coroinhas.

Um site especializado em cinema contabilizou 52 mortes durante os 87 minutos do filme. Numa delas, Cobra “lê” os direitos de um criminoso se debatendo em chamas, sendo queimado vivo:

– Você tem o direito de permanecer calado...

Quando lembro de Marion Cobretti, lembro também de Daizon Pontes.

Daizon, um dos imortais da história do futebol nacional, foi apontado pela revista Placar como o detentor do recorde nacional de expulsões: 18, entre 1959 e 1974. Seis delas por ofensa e outra por agressão ao árbitro. Isso que os cartões no futebol só apareceram na Copa do Mundo de 1966. Antes, para ser expulso, era preciso ser muito mau.

O zagueiro Daizon Pontes começou a se destacar no Cruzeiro de Porto Alegre. Um dia, ao final de um treino, o técnico Foguinho entrou no vestiário e viu um menino de 13 anos com a mão na perna, chorando de dor. Ele perguntou o que havia acontecido. A resposta:

– O Daizon me bateu.

O técnico encontrou Daizon em um canto, arrependido:

– É que ele ofendeu minha família, “seu” Foguinho. E isso eu não admito.

Em dezembro de 1961, o Cruzeiro viajou pela América Central e Colômbia para fazer alguns amistosos. No jogo contra o Herediano da Costa Rica, um cachorro invadiu o campo. Era uma tática utilizada pela torcida do time da casa para esfriar os jogos complicados. Ninguém conseguia pegar o animal e tirá-lo de campo. Picasso, goleiro do Cruzeiro e profundo conhecedor do “espírito inquieto” de Daizon, provocou:

– E aí? Tem um cachorro no campo.

– Se ele passar aqui é logo pau!

– Olha ali atrás.

Era o cachorro.

Daizon deu um “carrinho” no bicho, que morreu. Para terminar, o outro zagueiro do Cruzeiro, Osmar, pegou o cachorro morto pelo rabo e o atirou na torcida do Herediano.

Mas Daizon não era só violência. Ele também jogava bola. Em 1963 trocou o Cruzeiro pelo Flamengo do Rio de Janeiro. Era chamado de “Bellini Gaúcho” pela imprensa carioca. Isso mesmo. Daizon foi comparado ao capitão da primeira conquista da Copa do Mundo pelo Brasil. Considerado o melhor zagueiro do sul do país, também era disputado por outro time do Rio, o América. A Revista do Esporte chegou a cogitar seu nome entre os convocados para a disputa da Copa de 1966 se mantivesse o futebol apresentado nos campos gaúchos.

Mas a história foi outra. Ficou apenas três meses no Flamengo, sendo expulso de um treino pelo técnico Flávio Costa depois de um lance violento contra Airton Beleza:

– Joguei o Beleza na grade. “Só por isso” fui expulso.

Daizon voltaria para marcar época no Gaúcho entre 1966 e 1974.

Aqui, dizia que para Internacional ou Grêmio serem campeões estaduais era preciso entrar na área do time do Estádio Wolmar Salton, onde imperava soberano com seus cotovelos e joelhos.

– Muitas vezes o centroavante adversário vinha provocar, cuspir na cara, passar a mão na minha perninha, sabe... Tinha uma hora que eu me irritava.

Era o momento de colocar as coisas nos seus devidos lugares:

– Eu saltava e levantava o joelho nas costas do camarada, mas sem o juiz ver, sem prejudicar o time com uma expulsão, porque era melhor eu fazer uma coisa dessas do que cuspir na cara do camarada. Ainda bem que não tinha tevê mostrando os jogos na época.

O atacante argentino Néstor Scotta, do Grêmio, foi um dos que tiveram a ideia de cuspir em Daizon.

– Na hora eu não fiz nada. Só falei pra ele: “nós vamos conversar daqui a pouco” e segui o cara pelo campo todo. Não apenas seguiu como seu joelho acabou nas costas do argentino, que saiu de campo se contorcendo de dor. Mas ele se dizia justo. Garantia que nunca bateu por bater:

– Eu tinha de levar alguma coisa antes. E se fosse para “dar pau” eu dava dentro e fora de casa. Até hoje tem jogador que ba-te em casa e quando sai até se machuca pra não jogar. Eu não.

Algo incomum na época, Daizon foi suspenso por doping, pelo uso de cloridrato de prolintano. A substância tinha o no-me comercial de Katovit, um xarope muito usado por estudantes. Era um complexo vitamínico que ajudaria a aumentar a ca-pa-cidade de concentração e a repor energias.

– Logo depois que aconteceu o caso, eu virei garoto-propaganda e ganhei três caixas do laboratório. Fiz um teste. Aquilo era uma porcaria, só servia para criança mesmo.

As canelas roxas dos adversários se acumulariam até 1974. Já perto da aposentadoria, em uma entrevista para a revista Placar, disse que não deixaria o futebol sem concluir uma missão: bater, para valer, em um árbitro. A profecia foi cumprida em novembro daquele mesmo ano.

O Gaúcho enfrentava o Internacional de Santa Maria no Estádio Presidente Vargas e terminava o primeiro tempo vencendo por 1 a 0 com gol de Paraná. Estreando o técnico Santarém, o alviverde se defendia bem e explorava o contra-ataque, com os lançamentos precisos de Roberto, os avanços de Leivinha e as arrancadas do goleador Bebeto.

Então veio o segundo tempo e a atuação decisiva do árbitro José Luiz Barreto.

Aos seis minutos, o zagueiro Lívio do Gaúcho tocou com a mão na bola fora da área. Barreto assinalou o pênalti. Tadeu cobrou, mas o goleiro Carlos Alberto defendeu. Aos 14 minutos, Edson foi lançado. Percebendo a chegada de Daizon Pontes, o atacante se jogou dentro da área e o árbitro marcou a segunda penalidade máxima contra o Gaúcho. Daizon, que sequer encostou em Edson, pegou a bola e falou:

– Por que tu mesmo não bates o pênalti, Barreto?

Em seguida, dois socos no rosto do árbitro. O zagueiro foi expulso e na confusão sobrou até para um cabo da Brigada Militar. Ainda tonto, Barreto ordenou a cobrança do pênalti, dessa vez convertida por Silvio, enquanto policiais, dirigentes e repórteres ainda estavam dentro de campo. O Gaúcho perderia por 3 a 1 e Daizon deixaria o estádio fugindo pelos fundos, só de calção, cruzando um cemitério, com os brigadianos atrás dele.

Em Passo Fundo, o anti-herói foi recebido pela torcida com carreatas, buzinação pelas avenidas da cidade e churrasco até às cinco da madrugada. Pela agressão, seria suspenso do futebol por 18 meses.

– Foi fruto de invenção e sensacionalismo – diria tempos de-pois, desconsiderando a existência de fotos daquele dia. Essa história transformaria definitivamente Daizon Pontes em uma lenda.

Há pouco tempo reencontrei Daizon num jantar. Enquanto todos pediam carne e massa, o ídolo pediu peixe. O zagueiro mais macho de todos os tempos pedindo peixe? Prestei atenção para saber que bebida acompanharia. Se ordenasse vinho (e pior, se se mostrasse conhecedor do tipo de vinho que combinasse com o peixe), eu seria testemunha de uma calamidade. Eis que o mito falou:

– Traz uma cerveja bem geladinha.

Um amigo retrucou dizendo que peixe não combinava com cerveja.

– Então traz massa e carne.

E, virando para o amigo, emendou:

– E tu... Tu vai tomar no teu "isqueiro"!

Daizon sempre será Daizon.

#### **\*Nota do autor**

Esta crônica foi escrita em 2012, quando da morte de Daizon. Algumas informações foram pesquisadas desde então e este texto pode trazer algum dado desatualizado ou mesmo equivocado.